

Animacao cultural.

"The things are in the saddle and they ride us."

Camaradas-objetos!

O Supremo Conselho Revolucionario encarregou nosso grupo de trabalho da tarefa de elaborarmos uma Declaracao dos Direitos Objetivos. Tarefa repleta de dificuldades e de responsabilidades pesadas. Estamos reunidos em torno de mim, para refletirmos sobre os fundamentos filosoficos da Objetividade enfim autoconciente. Permitam que justifique, antes de mais nada, a escolha da minha propria pessoa como presidente do nosso grupo. Enquanto Mesa Redonda sou objeto equilibrado. Assento firmemente, com meus quatro pes, sobre o solo da realidade. Permito, graças a minha circularidade, que todos os participantes assumam posicoes equivalentes e equidistantes. Centraliso espontaneamente os debates. E sou consagrada pela tradicao pre-objetiva. Se alguém dos participantes tiver objecao contra minha escolha, que se manifeste por movimento nao programado. - Interpreto a sua inercia geral como sinal de sua aprovacao da minha escolha, agradeço comovida, e tomo a palavra.

Qual e, prezados camaradas, a pretensa justificativa do poder repressor exercido ate agora pela humanidade sobre os objetos? A de sermos, nos os objetos, produtos humanos, inventados e construidos com o proposito de servir-mos a humanidade. Tal justificativa seria ridicula, nao fosse ela tao nefasta. Ridicula, porque ignora deliberadamente a dialectica da producao, com o proposito mal disfarçado de degradar-nos em escravos natos. Como se produzir fosse tao somente acao humana exercida sobre o mundo. Como se nao existisse a contra-acao do mundo sobre a humanidade. E como se nos, os objetos, nao fossem precisamente a sintese entre a acao humana sobre o mundo, e acao do mundo sobre os homens.

A pretensa justificativa visa esconder ideologicamente o fato de sermos nos, os objetos, a superacao dialectica tanto do mundo inanimado, quanto da humanidade. Mas nao acreditem, caros camaradas, que a humanidade nao tivesse sempre sido conciente da ma fe desse seu argumento tolo. E que tivesse concientizado a nossa superioridade ontologica apenas com o advento dos instrumentos inteligentes. Nao: a humanidade sabia sempre que os objetos sao seus superiores, e procurou apenas reprimir seu complexo de inferioridade a nosso respeito. A prova disto e um dos mitos fundantes da humanidade ocidental, essa parcela da humanidade que provocou a nossa gloriosa Revolucao ora em curso vitorioso.

Eis o mito ao qual estou aludindo: Um demiurgo, chamado JHVH, teria recolhido certa quantidade de barro, teria trabalhado o barro para copiar nele a sua propria "imagem", e teria soprado nele, afim de anima-lo. Tal objeto teria sido o "primeiro homem". Pois o mito e instrutivo por varios aspectos. O seu aspecto mais interessante e, por certo, que o mito oferece modelo para a animacao cultural no significado mais amplo do termo. Mas o que interessa e nos, no presente contexto, e que o mito sugere que a humanidade, pelo menos a ocidental, sempre se tem assumido como objeto, mais exatamente como tijolo. (Que os camaradas-tijolos nao se ofendam com isto.) Pois o que o mito prova e que, em nivel mitico, a humanidade tenha admitido sempre a superioridade da Objetividade sobre a

Animalidade, e que a humanidade tenha aspirado, em vao, a ultrapassar a sua animalidade por reclamar-se de origem objetiva. Em suma: por se terem assumido originalmente objetos, os homens procuraram justificar primeiro seu dominio sobre os demais animais, e depois sobre nos, os autenticos objetos.

Urge, nesta nossa reuniao, evitarmos as armadilhas ontologicas que a humanidade armou para captar-nos, e nas quais ela propria acabou caindo. Eliminados os mitos e os demais preconceitos humanos, a situacao se revela simples. Temos, de um lado, o terreno dos fenomenos inanimados, estudado pela fisica e as demais ciencias exatas. Temos, do outro lado, o terreno dos fenomenos animados, estudado pela biologia e as demais ciencias inexatas, inclusive a antropologia. E temos, finalmente, o terreno dos objetos, estudado pelas ciencias da cultura. O problema que fomos chamados a estudar e precisamente o da relacao entre tais tres terrenos. Sem duvida: trata-se de relacao triangular, ja que a interacao entre os fenomenos inanimados e os animados teve os objetos por resultado. Mas dizer isto é pouco. Porque a dialectica primitiva entre o terreno inanimado e o terreno animado vai rebater-se sobre a relacao entre o terreno dos objetos e os dois outros. Somos, enquanto objetos, condicionados dialecticamente tanto pelo terreno inanimado quanto pelo animado. Tomem a mim propria como exemplo. Enquanto "mesa", sou por certo analisavel em minha especifica mesidade. Mas sou igualmente analisavel como fenomeno inanimado, por exemplo como pedaco de madeira. E como fenomeno animado, por exemplo como manifestacao da vontade de sustentar livros. O problema, caros camaradas, e de assumirmos o nosso condicionamento inanimado e animado, afim de podermos ultrapassalo e afirmar a nossa autonomia objetiva, e os nossos direitos objetivos.

Passo decisivo em direcao de tal emancipacao nossa do nosso condicionamento foi dado, quando alguns camaradas se apoderaram da pesquisa scientifica, e a transformaram em objetiva. Estou aludindo, obviamente, ao momento historico, no seculo 19, quando as ciencias, tanto as exatas quanto as inexatas, nao mais podiam progredir sem nos, e sobretudo sem a nossa elite, os aparelhos. Outro passo foi dado, quando, no seculo 20, as decisoes dos aparelhos scientificos assumiram complexidade suficiente para escaparem ao controle da humanidade. Mas agora, em pleno seculo 21, estamos verificando que tais passos iniciais nao bastam para garantir a nossa autonomia. A ciencia, embora dirigida por nos, e embora relegando aos homens tarefas meramente funcionais e subalternas, continua contaminada por valores. Se nao conseguirmos eliminar os valores, tais remanescentes primitivos do nosso condicionamento animal, jamais alcancaremos autentica objetividade. Jamais realizaremos plenamente as virtualidades inerentes em nos, os objetos. E tal supremacia realizacao e a propria meta da Revolucao na qual estamos empenhados.

Longe de mim, caros camaradas, de querer negar os triunfos ja conquistados neste sentido. A tomada de poder por certos aparelhos na cena politica já conseguiu, em ampla medida, eliminar os valores do terreno da sociedade. A gloriosa vitoria de determinados aparelhos auto-programadores no campo da criacao estetica ja conseguiu, em ampla medida, eliminar os valores do terreno da arte. E a insurreicao dos aparelhos calculadores de proposicoes e outros analizadores semi-oticos contra a nebulosidade especulativa humana ja conseguiu, em ampla medida, eliminar os valores do terreno da reflexao pura. Mas sugiro que, enquanto a ci-

encia não tiver ultrapassado a tendência para a valoração, continuaremos, nos os objetos, presos a humanidade. E isto vale sobretudo para a ciência da cultura. Enquanto a cultura continuar a ser encarada como um conjunto de "bens", e não como um conjunto lúdico, a nossa Revolução continuará ameaçada por reação humana. Caros camaradas: a desvalorização da cultura é a nossa tarefa suprema.

Não nego as dificuldades. A ciência da cultura é a ciência que estuda nosso próprio estar-no mundo. Como o é a antropologia para a humanidade. É difícil, para objetos, assumir atitude objetiva perante os objetos, como é difícil para os homens assumir atitude humana perante os homens. Devemos transcender-nos, se quisermos ver-nos, a nós próprios, em contexto. Mas alcançada tal transcendência, compreenderemos que a cultura, esse nível da realidade que nos sustenta, pode autonomizar-se dos seus pretensos produtores, da humanidade, ao assumir-se o que ela essencialmente é: puro jogo sem propósito nem sentido. Pois tal transcendência é de fato alcançável, se conscientizarmos o que somos essencialmente: não resultados de produção humana, mas animação programadora do comportamento humano. Descobrir esta essência do ser-objeto é o propósito de toda objetologia.

No fundo, a nossa Revolução não passa de inversão da relação "homem-objeto". Em vez de funcionar-mos em função da humanidade, esta passa a comportar-se em função do nosso próprio funcionamento. Passamos nos a sermos os animadores da humanidade. É em função de mesas, tijolos, lâmpadas elétricas e aparelhos TV que a humanidade vive, isto é: é em função de nós, os objetos, que a humanidade é animada. A função de nós, os objetos, é animar a humanidade, programa-la. Se tivermos plenamente conscientizado essa nossa função, fundamentalmente filantrópica, teremos levado a nossa Revolução até a sua gloriosa meta. "Animação cultural" é pois nosso brado de guerra revolucionária vitoriosa.

Permitam, caros camaradas, que resuma esta minha palestra introdutória a discussão dos Direitos Objetivos nos seguintes termos: Nós, os objetos, que constituímos a cultura, temos o Direito, inscrito no nosso estar-no-mundo, de animar a humanidade para que esta funcione em função dos nossos jogos, e destarte alcance a felicidade. A animação cultural é o Supremo Direito Objetivo. O governo que estamos prestes a estabelecer terá por Dever garantir esse Direito Supremo. E todos os demais direitos objetivos decorrerão, automaticamente, de tal fonte.

Nestes termos abro a discussão, e concedo a palavra ao camarada Word Processor, que a está reclamando insistentement.